



# LIVROS INFANTIS COM PERSONAGENS LGBTS E A POSSIBILIDADE DE REDUÇÃO DO PRECONCEITO ATRAVÉS DE SUA UTILIZAÇÃO NAS ESCOLAS

Rayla do Nascimento Carvalho;

Profa. Dra. Kelli Faustino do Nascimento.

Universidade Estadual da Paraíba.

carvalhon.rayla@gmail.com

**Resumo:** O preconceito e a discriminação em relação às diversas formas de viver e expressar a sexualidade são problemas presentes em vários âmbitos da sociedade. Por isso, é cada vez mais recorrente discussões acerca da diversidade, bem como o desenvolvimento de programas de apoio à diversidade, que vem sendo utilizado por diversas instituições. Dentre os grupos mais afetados, destaca-se o grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTTT ou LGBTs), que carrega em sua trajetória um histórico de vários tipos de violência praticada contra seus integrantes. Atualmente, com o intuito de minimizar a violência e o desconhecimento acerca do tema, autores de todo o mundo vem elaborando cada vez mais materiais abordando esta temática voltados a diferentes faixa etárias, tais como livros infantis e de contos de fadas com personagens homoafetivos. Pensando nisso, este trabalho teve como principal objetivo analisar, através de uma pesquisa bibliográfica, a forma como essa temática é abordada em “O Namorado do Papai Ronca”, de Plínio Camillo, além de refletir sobre como estes recursos poderiam ser utilizados na sala de aula como ferramenta pedagógica. A partir do que foi analisado, concluiu-se que a escola por ter um papel fundamental na formação dos alunos como cidadãos, deverá ser um espaço democrático e diverso, desconstruindo qualquer forma de preconceito e discriminação, incluindo em seu currículo temas considerados tabus, como a diversidade, a fim de construir um espaço baseado no respeito e na aceitação.

**Palavras-Chave:** Literatura infantil. Educação. Orientação sexual.

## 1. INTRODUÇÃO

Com o advento da popularização da discussão sobre preconceito, programas de apoio à diversidade têm sido elaborados em diversos âmbitos da sociedade. Dentre os diversos tipos de preconceitos, este trabalho terá como enfoque o preconceito contra um dos grupos mais afetados: o grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs ou LGBTTT), que carrega em sua trajetória um histórico de diversas formas de violência contra seus integrantes.

Atualmente, com o intuito de minimizar o preconceito, a violência e o desconhecimento acerca do tema, autores de todo o mundo vem elaborando cada vez mais materiais, como livros infantis e de contos de fadas com personagens homoafetivos, voltados a diferentes faixa etárias. Pensando nisso, surgiu este trabalho que teve como principal objetivo analisar a maneira como essa temática é abordada no livro infantil “O Namorado do Papai Ronca”, de Plínio Camilo, além de refletir sobre como este recurso poderia ser utilizado na sala de aula como ferramenta pedagógica.

Inicialmente a proposta desse trabalho surgiu a partir de uma experiência de ensino em uma

turma de fundamental I, na qual observamos que um dos alunos era discriminado por possuir “trejeitos” e, diante dessa situação, a escola e os professores permaneciam omissos. A partir dessa experiência, percebemos que algo precisava ser feito e que o respeito precisava ser discutido em sala, a fim de quebrar preconceitos e desenvolver a sensibilidade, o respeito pelas formas diversas que os sujeitos encontram para viver sua afetividade.

Através da análise bibliográfica buscamos refletir sobre a (des)construção de preconceitos nas escolas, tendo como principal foco a abordagem do tema LGBTs no livro “*O Namorado do Papai Ronca*” elaborado especialmente para o público infantil. Dessa forma, objetivamos contribuir com os estudos relacionados à sexualidade e a educação, refletindo sobre a importância da instituição escolar na formação de opiniões e de cidadãos que respeitem e valorizem a diversidade.

Para o estudo do nosso tema, iniciamos o artigo trazendo uma definição dos termos homo/lesbo/bi/trans(fobia), discutindo sobre a ocorrência da violência no Brasil; dissertamos sobre o papel da escola na formação de conceitos e opiniões dos alunos; abordamos sobre a utilização de livros infantis com a temática LGBTTT, apontando a importância da literatura infantil e sua interferência no processo de desenvolvimento do aluno. Em seguida apresentamos a metodologia, resultados e discussões e a conclusão.

### **1.1 DEFININDO HOMO/LESBO/BI/TRANS(FOBIA)**

Sabe-se que a hostilidade e violência institucional e pessoal contra pessoas LGBTs é uma realidade presente em diversos âmbitos sociais e têm sido um fato em todo o mundo desde os tempos antigos. O público LGBTs têm sofrido com o preconceito de todas as partes da sociedade e, apesar da ascensão de discussão em torno do tema, ainda é comum sua ocorrência especialmente no âmbito familiar e nas escolas.

A homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia<sup>1</sup> são termos utilizados para classificar o sentimento de medo ou ódio contra pessoas LGBTs devido a orientação sexual ou identidade de gênero. Apesar de ser caracterizado como *fobia*, Plummer (*apud BOWERS et. al* 2005, p. 33) explica que fobia e homofobia<sup>2</sup> são conceitos diferentes, já que as fobias são originários de medo, mas a homofobia geralmente inclui raiva, hostilidade e agressão.

<sup>1</sup> O termo homofobia, mesmo se referindo geralmente ao preconceito vivenciado por homens gays, na maioria dos casos, é utilizado para qualquer preconceito sofrido por lésbicas, gays, bissexuais e pessoas transexuais. Porém, há um termo próprio para cada preconceito, sendo lesbofobia a discriminação de lésbicas, bifobia a de bissexuais e transfobia a discriminação de pessoas transexuais e transgeneras. A fim de facilitar a discussão, o presente trabalho também utilizará o termo homofobia de maneira plural.

<sup>2</sup> O autor utiliza o termo homofobia de maneira geral para caracterizar qualquer preconceito sofrido por pessoas LGBTs.



Dessa forma, a homofobia refere-se a aversão a homossexuais que, devido a raiva e hostilidade, designa agressões físicas e verbais, também chamadas de crimes de ódio. Sobre isso, Savage (2010, pp. 1-2) explica que a violência, intencional ou não, geralmente segue uma série de estágios. São eles:

- 1) O primeiro estágio refere-se a exclusão, que ocorre quando um grupo de pessoas é identificado como diferente da maioria e, assim, é impedido ou excluído da participação total nos direitos e nos privilégios desfrutados pela maioria. Neste estágio, jovens LGB<sup>3</sup> são separados de grupos heterossexuais através de apelidos, ridicularização e a negação de certos direitos, por exemplo.
- 2) O segundo estágio refere-se a expulsão, que ocorre quando há alguma forma de expulsão do restante da comunidade. Um exemplo desse estágio é a ausência de pessoas ou informações LGB no currículo escolar.
- 3) O terceiro e último estágio da violência refere-se a extermínio, que ocorre quando pessoas marginalizadas ou algo relacionado a elas são extintos. Um exemplo desse estágio, de acordo com o autor, é a homofobia internalizada, que refere-se a crença dos estereótipos estabelecidos para pessoas LGB.

Apesar de Savage (2010, p. 2) mencionar durante o estágio da extermínio que o assassinato de pessoas LGB devido a orientação sexual é relativamente raro, no Brasil a agressão física, que pode vir a resultar em morte, ocorre de maneira cada vez mais comum. De acordo com o Grupo Gay da Bahia (GGB) (2013, p.1), no ano de 2012 foram documentados 338 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil, ocorrendo um assassinato a cada 26 horas. No ano seguinte, o GGB (2013, p. 1) documentou 312 assassinatos de integrantes do grupo LGBTs e no relatório referente ao ano de 2014, o GGB (2014, p. 1) documentou 326 mortes de LGBTs, sendo um assassinato a cada 27 horas. Assim, cerca de 900 pessoas LGBTs foram assassinadas entre os anos de 2012 e 2014 por crimes motivados pela orientação sexual e/ou pela identidade de gênero, em um intervalo inferior a 30 horas entre os assassinatos.

A violência física (que inclui agressões físicas, abuso sexual e assassinatos) refere-se a apenas um dos tipos de violência vivenciados diariamente pelo grupo LGBTs. Em todo o mundo, pessoas sofrem rotineiramente também com a violência psicológica, que pode ser velada, como no caso das “brincadeiras” e exclusão social, ou explícitas, como xingamentos e assédio sexual.

---

<sup>3</sup> Durante a discussão, o autor não inclui as pessoas transexuais e transgêneras. Por isso, utiliza o termo LGB, direcionando-se apenas a Lésbicas, Gays e Bissexuais.

Apesar da ausência de marcas corporais, a violência psicológica é tão grave quanto a violência física, pois desencadeia graves consequências no processo de autoreconhecimento das pessoas LGBTs e interfere diretamente na autoestima e no desenvolvimento do indivíduo.

Segundo Mott (*apud* MESQUITA, p.12), a atração pelo mesmo sexo/ gênero, como primeira experiência; a escuta de comentários homofóbicos/lesbofóbicos/transfóbicos; a hostilização verbal e ataques físicos ou a diminuição do rendimento escolar são situações que podem levar o/a jovem à depressão, à baixa autoestima, ao ódio contra si próprio e à frustração. Sendo assim, a homofobia pode vir a desencadear a não-aceitação, devido ao desenvolvimento de uma visão autoidentitária deturpada, a depressão, a automutilação, e, por vezes, ao suicídio.

Apesar de sua ocorrência em diversos âmbitos, o comportamento intolerante ocorre rotineiramente nas escolas, principalmente em formato de uma agressão velada. A homofobia na escola (ou *bullying* homofóbico) vem sendo cada vez mais observada e, por isso, vem se discutindo possíveis maneiras de minimizar a homofobia dentro e de fora do âmbito escolar. A fim de compreender como ocorre a influência da escola no desenvolvimento dos alunos, vamos discutir na próxima subseção como a escola pode contribuir para a redução e/ou extinção do preconceito.

## **1.2 O PAPEL DA ESCOLA**

Apesar de ser classificada como um espaço democrático, as escolas ainda enfrentam dificuldades em desenvolver discussões em torno da diversidade em todos os seus aspectos – Cultural, Sexual, Étnico e Religioso. Tal dificuldade muitas vezes vai se refletir em posturas e ações que favorecem práticas discriminatórias em relação “aqueles que divergem dos padrões de normalidade estabelecidos”, na qual a diversidade ou diferença é percebida como inferioridade, desvio, aberração, etc.

Segundo Junqueira (2009), a escola brasileira historicamente se organizou em torno de um conjunto de dinâmico de valores, normas e crenças que contribuiu para reduzir a figura do “outro”, ou seja, aquele considerado “estranho, inferior, pecador, doente, pervertido, criminoso ou contagioso”, todos aqueles e aquelas que não estivessem em sintonia com o que é valorizado pela heteronormatividade e por aquilo que a ela estivesse ligado, como ser branco, heterossexual, etc.

A partir das afirmações do autor anteriormente citado, podemos inferir que devido ao tempo que os alunos passam semanalmente nas escolas (que são pelo menos vinte e cinco horas), estas possuem um profundo impacto no desenvolvimento do aluno, principalmente nas turmas das séries iniciais. A compreensão das diferenças humanas e a apropriação de diversos conceitos sociais e culturais também ocorrem nas escolas, a partir das interações entre os alunos e entre alunos e





professores.

Na instituição escolar, as crianças percebem diferenças relacionadas a aparência e personalidade entre os seus colegas e professores, compreendendo o que é considerado comum e, conseqüentemente, incomum naquele meio e na sociedade. Dessa forma, desde muito jovens, as crianças aprendem através da escola padrões fixos sobre o que é “correto” e ideal de acordo com a visão da sociedade. Sobre isso, Louro (2010, p. 58) comenta:

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos.

A escola, assim, exerce uma forte influência no desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos, especialmente durante o desenvolvimento da personalidade, da própria visão do mundo e da sociedade.

A função da escola, então, caracteriza-se também pela formação do aluno como indivíduo social, de maneira que este se torne crítico e reflexivo, capaz de compreender o mundo em que vive, assim como seu papel na sociedade. Sobre o papel escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (1998, p. 21) explicam:

A sociedade brasileira demanda uma educação de qualidade, que garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem e na qual esperam ver atendidas suas necessidades individuais, sociais, políticas e econômicas.

Sendo assim, torna-se imprescindível que a escola seja, de fato, um espaço democrático, onde os profissionais que nela trabalham atuem de maneira inclusiva e diversa, considerando os alunos como seres heterogêneos, ao invés de propagar os preconceitos e padrões “ideais”. Agindo desta maneira, a escola permite que os alunos compreendam a sociedade que lhes rodeia e compreendam a si próprios através de uma percepção livre de discursos patológicos e excludentes.

### **1.3 LIVROS COM A TEMÁTICA LGBTTTT PARA CRIANÇAS**

A literatura infantil proporciona aos alunos a oportunidade de desenvolver suas próprias opiniões sobre certos temas e sobre grupos de pessoas em todo o mundo, bem como, os ajuda a desenvolver a personalidade e habilidades sociais. De acordo Santora (2006, p.1) “Literatura é um

veículo poderoso para ajudar as crianças a compreender os seus lares, as comunidades e o mundo" e funciona "como um espelho para as crianças é como uma janela para o mundo em torno delas".

Durante os últimos anos, livros com temática LGBTs para crianças estão sendo cada vez mais escritos, porém ainda não é comum o acesso das crianças a esta leitura. Isso acontece por razões diferentes. Um dos principais fatores é disseminação cultural de que, através do contato com materiais que retratem pessoas LGBTs, as crianças possam se tornar futuros homossexuais. Porém, sendo a sexualidade uma característica inerente ao indivíduo, sabe-se que o contato com personagens LGBTs interfere tampouco na sexualidade individual como o contato de homossexuais com personagens heterossexuais.

Outro fator que impede a popularização deste material é a influência da religião (especialmente do cristianismo) na nossa cultura que, devido a atribuição ao pecado, prolifera a imagem e concepção de vida dos homossexuais de maneira negativa. Desta maneira, crianças e jovens tem acesso ao grupo LGBTs de maneira restrita, tendo em vista que a única percepção que desenvolvem ao decorrer de seus desenvolvimentos é a da homossexualidade como pecado e um comportamento patológico.

Atualmente, apesar de haver uma série de programas em escolas de ensino fundamental que tem como foco principal a discussão do (auto)conhecimento das crianças e o reconhecimento das diferenças existentes entre elas, ainda é possível perceber a limitação existente quanto a inclusão de materiais que abordem personagens homossexuais e configurações de famílias homoparentais.

A fim de solucionar essa limitação, há discussões sobre a implantação dos livros com temática LGBTs nas escolas, de forma que os professores discutam sobre sexualidade e suas variações de forma natural, a fim de tentar reduzir a homofobia nas escolas e na sociedade. Clay (*apud* Rowel, 2007, p. 3), explica o quão positiva pode ser a utilização deste tipo de literatura nas escolas:

A maioria das histórias narrativas baseadas na realidade têm enredo, ação, diferentes tipos de configurações e situações que podem suscitar reflexões infantis e discussão em classe. A inclusão de alguns destes livros no currículo pode ajudar a tornar a sala de aula (...) um lugar mais seguro, mais justo e igual para filhos de lésbicas e famílias homossexuais.

O objetivo principal de usar esta literatura na sala de aula é tentar fazer com que as crianças se sintam confortáveis com a diversidade, bem como, com as diferenças. A escola poderá ser capaz de criar um ambiente seguro para a aprendizagem de forma que, no futuro, desenvolvam adultos tolerantes. Além disso, as crianças de famílias formadas por pais homossexuais geralmente não

possuem referências nas escolas de sua estrutura familiar. A partir da utilização desses livros, torna-se possível fazer com que as crianças se sintam confortáveis e incluídas, assim como Rowel (2007, p. 2) explica "livros *gay-friendly*<sup>4</sup> podem fazer uma diferença positiva na sala de aula: as crianças de famílias de pais do mesmo sexo sentem que suas famílias são incluídas e outras crianças aprendem sobre e obtém respeito e aceitação por outros tipos de família."

Assim, a literatura infantil que incida sobre a diversidade pode ajudar os alunos a compreender as diferenças individuais de cada pessoa, tornando-os adultos respeitosos e livres de preconceitos, independente das diferenças de raça, cultura e orientação sexual.

## 2. METODOLOGIA

Através de uma pesquisa bibliográfica, foram analisados trechos extraídos do livro infantil *O Namorado do Papai Ronca*, da autoria de Plínio Camillo, que revelam a homossexualidade do pai, assim como a visão da criança sobre a relação e o preconceito e discriminação da sociedade.

O livro analisado, publicado com o apoio do Governo do Estado de São Paulo e da Secretaria de Estado da Cultura (PROAC), é narrado por uma criança que revela durante a narrativa seus sentimentos, pensamentos, e assim, as opiniões diante do relacionamento homafetivo do pai. Durante a análise, buscamos ressaltar a maneira que a temática é abordada, considerando a linguagem do livro, a visão da criança e a opinião de outros personagens sobre a (homo)sexualidade de Heitor. Além disso, também objetivamos ter como enfoque o possível uso deste material nas salas de aula.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O livro *O Namorado do Papai Ronca* (CAMILLO, 2012) é narrado por Dante, um menino de 12 anos que está descobrindo a adolescência e os conflitos que ela traz. Filho de pais separados, Dante é obrigado a se mudar da grande metrópole para morar em Procópio, cidade onde mora o seu pai Heitor e o Ademar, namorado de Heitor.

Ao decorrer da narrativa, percebemos diversos conflitos enfrentados por Dante, como a descoberta da própria sexualidade, na qual Dante passa a revelar o desejo por uma menina; a mudança de São Paulo, grande metrópole, para Procópio, cidade do interior; o reconhecimento do preconceito vivido pelo pai e o seu processo de desconstrução de rótulos, adquiridos após o contato com o preconceito.

---

<sup>4</sup> O termo refere-se a livros que retratam a homossexualidade de maneira "amigável", expondo o tema sem propagar preconceitos e estereótipos.



Logo no início do capítulo 1, Camillo (2012, p. 3) revela a homossexualidade de Heitor através de um diálogo entre o menino, Dante, e a mãe, Barbára.

“noite

- O namorado do papai ronca!
- Não está exagerando, filho?
- Mãe, O Ademar ronca muito! É sinistro, mãe!”

Ao considerar o ronco do namorado do pai um problema, o protagonista introduz aos leitores com naturalidade a relação homoafetiva vivida pelo pai e Ademar, revelando de maneira implícita que seu problema com ele diz respeito apenas ao ronco, não tendo, assim, qualquer relação com a orientação sexual de Heitor. Isso ocorre devido a convivência, desde a infância, com esta forma de estruturação familiar. Além disso, também representa a visão da mãe acerca da sexualidade do seu ex-companheiro, pois ao conversar naturalmente sobre o tema, a criança não constrói a percepção de um comportamento e/ou relacionamento patológico ou pecador.

Devido à naturalidade frente ao tema durante a criação de Dante, é possível perceber através da narrativa a inocência da criança diante da exposição ao preconceito, de maneira que mesmo percebendo os olhares esquisitos para o pai, Dante não consegue compreender o real motivo dos olhares, como podemos ver abaixo:

“Dante percebe que algumas pessoas esquisitas olham esquisito para o pai. Olhares de pessoas que parecem estar sentindo cheiro de um peido muito fedido. Olhares de raiva. Olhares. O pai cumprimenta todos. Eles não respondem.

- Quem são?
- Alguns conhecidos meus.
- Seus amigos?
- Foram.” (CAMILLO, 2012, p. 27)

Mesmo na tentativa de seu pai de poupá-lo do preconceito, o garoto é exposto ao preconceito explícito durante uma conversa com uma amiga sendo este, de fato, o primeiro momento que o protagonista ouve repreensão pelo fato de seu pai ser homossexual.

- Quem é Priscila?
- (...)
- Ela é sobrinha do Ademar.





- Que Ademar?
  - Um amigo do meu pai...
  - Um amigo do seu pai? Sei! Mas quem é esta Priscila?
- Dante começa a suar frio. Não sabe mais como responder.
- Quem é esta Priscila?
  - Sobrinha do Ademar...
  - Que Ademar?
  - Ademar é o namorado do meu pai.
  - O quê?
  - Sobrinha do namorado do meu pai...
  - Seu pai é uma bicha??
- (...)
- Milena, meu pai contou quando eu tinha mais ou menos seis anos: ele foi franco comigo. Explicou que por namorar um outro homem ele não era um monstro e nem um mutante. Ele quer ser feliz como todo mundo né?
  - Gay...
  - Ser gay não é uma doença!
  - Num sei...
  - Não é não...
  - Mas ele virou...
  - Não vira gay, apenas é.
- (...)
- Dante quer falar de outras coisas.  
Milena quer respostas.
- Eles se beijam na sua frente?
  - Ele dorme na sua casa?
  - Sua mãe namora mulheres?
  - Você vai ser gay quando crescer?
  - Você já beijou algum menino de lá?
  - Você já beijou?

Dante quer beijar Milena. (CAMILLO, 2012, pp.90, 91, 92)

Inicialmente, Dante, que prefere esconder o relacionamento do pai ao afirmar que Ademar era apenas um amigo de seu pai, revela em seu discurso o incômodo de falar sobre o assunto que antes para ele era natural, principalmente ao ouvir a repreensão vinda de sua amiga.

A conversa entre Dante e Milena revela não só a opinião da menina sobre o tema, mas revela também o ambiente em que a menina está inserida, através da proliferação de discursos que podem ser provenientes do ambiente familiar, escolar ou religioso.

Além disso, através desse diálogo, é possível observar também os rótulos e estereótipos disseminados socialmente quanto a relacionamentos homoafetivos e crianças criadas por pais homossexuais. Ao questionar “Você vai ser gay quando crescer?” e “Você já beijou algum menino de lá?”, a menina revela a crença de que a homossexualidade ocorre de maneira patológica, de forma que, através da observação de relações e convívio com pessoas homossexuais, as crianças podem ter, então, suas sexualidades “alteradas”. Porém, ao fazer a afirmação de que através do



convívio com outros sujeitos homossexuais, a criança vai/pode se tornar “gay quando crescer”, a sexualidade é então caracterizada como escolha, o que, de fato, não ocorre, considerando que boa parte dos homossexuais são criados em famílias heterossexuais e em ambientes heteronormativos.

A partir da exposição ao discurso de Milena, o protagonista revela dificuldade em compreender a orientação sexual de Heitor (antes considerado apenas uma característica de seu pai, assim como o ronco do namorado), e, por isso, confronta seu pai sobre a definição do ser homossexual:

- Você é gay, pai?
- Como?
- Quero saber se você é gay?
- O que é ser gay, filho?
- Pai! Estou perguntando e não quero responder.
- Filho, sou um homem que adora o filho que tem e que ama outro homem.
- Mas então, é gay!
- Não sei. Sou alguém que gosta do que é.
- Não é gay?
- Filho!
- É, ou não é?
- Sem entender o que você quer dizer não sei responder.
- Então tá: gay é aquele que anda rebolando, fala fino e faz coisas como se fosse uma mulher.
- Então não sou.
- E que também transa com homem.
- Então eu sou.
- Mas você transou com a minha mãe?
- Sim, querendo, gostando dela. (...)
- Então, depois comecei a perceber. Ouvir a mim mesmo. Nunca quis ser uma mulher ou outra coisa diferente do que sou. (...)
- Com todas as dificuldades, com as certezas, estou muito feliz, tranquilo. Sei que sua avó não quer falar comigo. Sei que me olham torto, imagino o quanto é difícil para você.
- Mas pai, antes nunca foi! Agora é estranho, meio complicado. (...)
- Não procure rótulos, gavetas ou encaixes; por sorte, ou azar, somos todos diferentes, com olhares diferentes, diferentes formas de ver, sorrir e andar. E principalmente, nem sempre o que é diferente da gente é ruim. (CAMILLO, 2012, pp. 113, 114 e 115)

Assim, através da narrativa, é possível perceber que mesmo para uma criança que cresceu em um ambiente de aceitação, a proliferação do discurso da sociedade sobre a homossexualidade interfere também em sua concepção sobre o tema, principalmente após a exposição aos rótulos e estereótipos. Há, então, um processo de desconstrução da imagem do ser homossexual, de como um homossexual deve ou pode ser, pelo protagonista após o diálogo aberto com o pai sobre o tema.

A fim de solucionar as dúvidas e os conflitos individuais dos alunos (sobre suas famílias e sobre a sociedade que os rodeia), a escola, considerando o seu papel social, deve abordar o tema orientação sexual com o intuito de informar e ampliar a visão do grupo estudantil sobre o tema.



Sobre isso, Os PCN's (1998, p. 300) nos dizem:

A escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores para empreender essa tarefa. Isso porque na relação professor-aluno o professor ocupa lugar de maior poder, constituindo-se em referência muito importante para o aluno. A emissão da opinião pessoal do professor na sala de aula pode ocupar o espaço dos questionamentos, incertezas e ambivalências necessários à construção da opinião do próprio aluno.

A posição da escola e do professor deve ser, portanto, de liberdade de expressão e discussão, a fim de esclarecer sobre tabus e preconceitos com os alunos, expondo de maneira consciente e responsável discursos de desconstrução diante dessas crenças pré-estabelecidas. Sobre isso, no mesmo documento (*op.cit*, p.300) é possível perceber que a intenção da discussão em sala não é a determinação de conceitos, mas de “propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e ao explicitar e debater os diversos valores associados à sexualidade” possibilitando, assim, “ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.”

Portanto, ao discutir o tema com os alunos, a escola permite que sejam expostos diferentes pontos de vistas, de forma que, a partir disso, os alunos tenham oportunidade de repensar o meio em que vivem e as suas próprias crenças e ações. Dessa forma, os educadores permitem que em suas aulas os alunos possam ter acesso a valores democráticos e a se perceberem como sujeitos inclusos em uma sociedade diversa e plural.

#### **4. CONCLUSÃO**

A escola possui um papel que está além da reprodução de conteúdos acadêmicos para os alunos, pois consideramos que esta seja também uma instituição que interfere na formação dos valores e crenças dos sujeitos que dela participam, devendo formar cidadãos reflexivos e autônomos. Porém, ainda é possível perceber certa resistência frente à discussão de determinados temas na escola, mesmo após a adoção da escola como instituição formadora.

A partir do que foi analisado e discutido, é impossível negar a forte influência que os professores e a escola em geral têm sobre os estudantes, especialmente em crianças. Então, acreditamos que a escola tem um papel fundamental na redução do preconceito no espaço escolar, bem como na sociedade. Dessa maneira, torna-se necessário que a escola exponha os alunos a diferentes visões acerca da sociedade em que vivem, especialmente sobre temas que interferem diretamente na postura de certos alunos, que estigmatizam, excluem e discriminam.

Para que as escolas e professores discutam sobre temas, como por exemplo a sexualidade, torna-se necessário que as instituições formadoras de professores os orientem para que saibam a importância de seus discursos, além de os capacitarem sobre como abordar os temas e discussões na sala de aula.

Concluimos, portanto, que livros para crianças com famílias LGBTTT podem ser utilizados nas escolas como uma ferramenta pedagógica para discutir de maneira aberta sobre o tema, fazendo com que crianças com este tipo de família se sintam incluídas e permitindo que as demais crianças compreendam as semelhanças entre as famílias homossexuais e heterossexuais.

Precisamos considerar que este trabalho refere-se a uma proposta que pode ser alcançado a longo prazo em dimensão social, porém, através das discussões de temas tabus nas escolas, como a homossexualidade, os efeitos podem ser observados de maneira imediata através da redução de preconceito e discriminação entre os alunos no âmbito escolar.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWERS, R. PLUMMER, D. MINICHELLO, V. *Homophobia and the everyday mechanisms of prejudice: Findings from a qualitative study*. New England, 2005.

CAMILLO, Plínio. *O namorado do papai ronca*. São Paulo: Selo Prólogo e Instituto Mundo Mundano, 2012.

GRUPO, Gay da Bahia (GGB). *Assassinatos de Homossexuais no Brasil: Relatório 2012 do Grupo Gay da Bahia*. Bahia, 2013. Disponível em <<https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/2012-2/>> Acessado em 06/10/2016

GRUPO, Gay da Bahia (GGB). *Assassinatos de Homossexuais LGBT no Brasil: Relatório 2013*. Bahia, 2013. Disponível em <<https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/2013-2/>> Acessado em 06/10/2016

GRUPO, Gay da Bahia (GGB). *Assassinatos de Homossexuais LGBT no Brasil*. Bahia, 2014. Disponível em <<https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/2014-2/>> Acessado em 06/10/2016

JUNQUEIRA, Rogério. Homofobia nas Escolas: um problema de todos. In: \_\_\_\_\_ (org). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 11 ed, Petrópolis: Vozes, 2010.

MESQUITA, Marylucia. *Dia Mundial de Luta contra a Homofobia*. In: CFESS Manifesta: Gestão Tempo de Luta e Resistência (2011-2014): Brasília, 2014, pp. 11-13.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais (PCNs). Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ROWEL, Elizabeth H. *Missing! Picture Books Reflecting Gay and Lesbian Families*. U.S, 2007.

SANTORA, Linda. *Assessing Children's Literature*. Our Children, New York, 2006.

SAVAGE, Todd. *Lesbian, Gay and Bisexual Youth: Preventing Violence and Harassment at Schools*. National Association of School Psychologists: Bestedha, 2010.